

O REBAIXAMENTO DA VISÃO NA FILOSOFIA FRANCESA DO SÉCULO XX

Aletria entrevista Martin Jay

Aletria – Como você explica a ausência de Gilles Deleuze em seu livro?

Jay – Quando eu comecei o projeto, no início da década de 80, Deleuze era conhecido na América principalmente como o co-autor do *Anti-Édipo*, um livro que nunca achei muito convincente. Embora seus escritos sobre cinema tenham surgido por volta da época em que eu vivi em Paris – 1984/85 –, nunca ficou totalmente claro para mim como eles se encaixam na sua posição em geral muito desafiadora ou o que eles poderiam significar para o argumento amplo que eu estava construindo sobre a crítica do ocularcentrismo. Assim, em *Downcast Eyes* eu o introduzi somente *en passant* ao discutir Bergson, Lyotard, Foucault e quando tratei da crítica cinematográfica. Desde então ele se tornou uma figura muito mais importante no que permanece ainda da agora evanescente recepção do pós-estruturalismo francês e é largamente usado nos estudos culturais, embora nem sempre das formas mais sutis. Eu acabei de receber um pequeno volume de autoria de uma professora de francês da John Hopkins University, Paola Marrati, intitulado *Gilles Deleuze: cinema e filosofia*, que faz um belo trabalho de levantamento das implicações filosóficas e visuais dentro de sua obra.

Aletria – Em sua escrita, nós percebemos freqüentemente a utilização da narrativa biográfica como forma de persuasão. O que poderia distinguir o seu trabalho da chamada “história das idéias”?

Jay – A “história das idéias”, como foi desenvolvida originalmente por Arthur Lovejoy e seus colegas na primeira metade do século XX, centrada no desenvolvimento interno das idéias – ou, mais precisamente, nas “*unit ideas*” que muitas vezes flutuam à superfície dos sistemas auto-conscientes, como, por exemplo, a grande cadeia dos seres –, desconsiderava os contextos de sua gênese, disseminação e recepção. A história intelectual, construída de forma mais ampla, colocou questões institucionais e individuais, algo relacionadas àquelas da sociologia do conhecimento promulgada por Karl Mannheim e sua progênie. Às vezes essa aproximação se tornava reducionista, tratando as idéias como pouco mais do que sintomas de algo supostamente mais profundo no contexto social ou

psicológico do qual emergiam. Em meu próprio trabalho, tentei evitar os extremos de uma história das idéias inteiramente imanente, por um lado, e uma desmascaradora sociologização do conhecimento, por outro. Tenho enorme respeito pela leitura cerrada de textos, tanto com relação ao conteúdo quanto com relação ao estilo, e aprendi bastante com praticantes recentes da “história conceitual”, tais como Reinhart Kosellek, e da “metaforologia”, como Hans Blumenberg, o que fica evidente em minha penúltima coletânea de ensaios, *Cultural Semantics*. Mas também sou muito sensível ao fato de que idéias são sempre sustentadas por pessoas reais que as desenvolvem, defendem ou criticam, por razões que podem muito bem ir além de seu poder conceitual intrínseco. Portanto, acho quase sempre impossível separar os pensadores do pensamento, embora também fique muitas vezes fascinado pelos discursos que adquirem uma relativa autonomia com relação àqueles que os adotaram. Em diferentes momentos, eu sublinho um aspecto ou outro, sem pretender ter um método único, *a priori*, que eu aplique às idéias e aos pensadores que discuto. Imagino que o que eu faço é permitir que aquilo que considero as questões mais fascinantes e perturbadoras sinalize a direção a ser seguida.

Aletria – Até que ponto um acontecimento único e pessoal pode estar na origem da elaboração de um conceito? Esta pergunta se baseia na ênfase dada aos aspectos biográficos freqüentemente associados ao pós-estruturalismo francês.

Jay – Não existe uma regra fixa quanto a isso. Cada mente se encontra encerrada em um corpo e em um contexto, e não pairando sobre o mundo. E, nessa medida, os conceitos que ela desenvolve ou sustenta são gerados, flexionados ou mesmo contraditos pelas influências biográficas, para além de seu poder puramente lógico e teórico. Faz sentido, portanto, prestar atenção naquilo que Bourdieu e outros nos dizem sobre os campos de força intelectuais, incluindo as lutas pelo poder e prestígio que se estendem além do mérito intrínseco das idéias. Mesmo quando o pós-estruturalismo fez críticas severas à idéia do sujeito centrado, do gênio autônomo, responsável por suas idéias, seus adeptos foram compelidos a se defrontar com as implicações de revelações biográficas sobre figuras como Heidegger e De Man, cujas idéias foram tão influentes sobre o desenvolvimento do próprio pós-estruturalismo. A morte do autor foi, como sabemos agora, proclamada prematuramente. Na verdade, vários pós-estruturalistas vieram a admitir esse fato. Michel Foucault, por exemplo, admitiu, próximo ao fim de sua vida, que todas as suas obras

eram “livros experimentais” nos quais suas próprias experiências de vida estavam implicadas. A percepção desse fato, na verdade, já está nos textos de um pensador universalmente reconhecido como um inspirador do pós-estruturalismo, Nietzsche, que compreendeu os elos existentes entre a psicologia e a filosofia, até mesmo, na verdade, entre as funções fisiológicas, como a digestão e a filosofia.

Dito isso, no entanto, é também importante reconhecer a capacidade das idéias e das obras de arte de transcenderem seus contextos, tanto individuais quanto sociais, de gênese e recepção. E, naturalmente, qualquer trabalho de natureza contextualizadora que fazemos como historiadores intelectuais requer que tomemos as biografias como artefatos textuais que não são simples expressões das vidas que elas pretendem registrar. Ou seja, não podemos ignorar o fato de que contextos e textos estão envolvidos em uma dialética de implicações mútuas que tornam impossível reduzir uma inteiramente à outra. Nenhuma das duas é inteiramente auto-suficiente; cada uma tem dentro de si a sombra da outra.

Aletria – *Como tem sido a recepção crítica do seu livro?*

Jay – Já se passou toda uma década desde a primeira publicação de *Downcast Eyes*, e eu penso que é justo dizer que a recepção tem sido generosa. Recebi, inclusive, uma carta muito amável de Derrida a respeito do capítulo dedicado a ele. Várias pessoas que trabalham na área das artes visuais o consideram muito útil na conceituação de sua própria atividade estética. No efervescente campo da cultura visual, o livro se tornou um texto de referência padrão e parece ter originado pesquisas substanciais subsequentes. Certamente, houve críticas ocasionais feitas por especialistas em uma ou outra das figuras focalizadas, algumas mais plausíveis que as outras. E diversas generalizações mais extensas feitas no decorrer da narrativa foram submetidas a uma análise meticulosa, mostrando contra-exemplos que eu teria desprezado. Se tive alguma decepção, foi com o fato de que, ao contrário de muitos dos meus outros livros, ainda não encontrei tradutor para nenhuma língua. A extensão e a dificuldade de localização das fontes das muitas citações que eu utilizei somente em inglês estão provavelmente na raiz do problema. Imagino que estão sendo feitos esforços em certos países para publicarem traduções, mas até o momento isso não aconteceu.

